

## • EDITORIAL

O dia 5 de novembro de 2017 marcou o 29º ano da ocorrência da tragédia de rompimento da Barragem de Fundão, da mineradora Samarco/Vale/BHP Billiton. Marcas profundas ficaram: 19 mortes, inúmeras pessoas doentes, sofrimentos, perdas irreparáveis, danos ambientais incalculáveis, desemprego, estigmas, injustiças. Em um lento, penoso e moroso processo de cuidado e reparo.

Não podemos deixar de registrar nosso pesar pela perda prematura de nosso colega da UFMG, professor Antônio Leite Alves Radicchi, vítima de um assassinato brutal, no interior de um ônibus público ao se deslocar para trabalhar na Faculdade de Medicina, no dia 13 de novembro de 2017. Educador, trabalhador exemplar, sanitarista, ambientalista, pacifista e pacífico que, ironicamente, teve sua vida retirada por um violento e inaceitável acidente de trabalho, socialmente ampliado e determinado. Apesar de tudo, é vida e luta que se seguem.

Nesta edição, procuramos destacar um tema extremamente relevante no cenário atual da saúde do trabalhador: saúde, doença mental e trabalho. Tivemos o privilégio de entrevistar o professor José Jackson Coelho Sampaio, atual reitor da Universidade Estadual do Ceará (Uece). Jackson Sampaio tem uma longa, articulada e produtiva trajetória pelos caminhos da psiquiatria, da epidemiologia, da saúde do trabalhador, do ensino, da pesquisa e da extensão, com notória contribuição para o entendimento das relações saúde, doença e trabalho no Brasil.

As matérias “Transtorno de estresse pós-traumático pode ter causas variadas”; “O estigma do adoecimento mental no trabalho” e “Mudanças nas condições de trabalho aumentam os fatores de riscos psicológicos e sociais” contaram com a participação dos professores de Psicologia da PUC Minas, Carlos Eduardo Carrusca, do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina da UFMG, Helian Nunes, e do Departamento de Psicologia da Fafich da UFMG, Livia Borges, aos quais prestamos nossos agradecimentos.

Por fim, agradecemos ao colega Ives Teixeira Souza, estagiário de jornalismo do Osat, pelo valoroso trabalho, e que ora se despede do nosso Boletim. Volte sempre.

**Tarcísio Márcio Magalhães Pinheiro**  
Coordenador do Osat



foto: arquivo pessoal

- **ENTREVISTA** **PAG**  
Jackson Sampaio **2 e 3**
- **TEPT** **PAG**  
Transtorno de estresse **4 e 5**  
pós-traumático
- **SAÚDE MENTAL** **PAG 6**  
Estigma do adoecimento  
no trabalho
- **CONDIÇÕES DE TRABALHO** **PAG**  
Fatores de riscos **7 e 8**  
psicológicos e sociais

# “O IMPACTO DO TRABALHO TRADUZ-SE POR UMA DUPLA E CONTRADITÓRIA NATUREZA”

Perspectivas sobre saúde mental e trabalho pelo professor Jackson Sampaio

Ives Teixeira Souza

José Jackson Coelho Sampaio é reitor da Universidade Estadual do Ceará (Uece) desde 2012, respeitado pesquisador de epidemiologia sobre a relação entre trabalho e saúde mental, e líder do grupo de pesquisa Vida e Trabalho. Confira, na entrevista, a trajetória do psiquiatra e sua visão acerca dos desafios políticos e de pesquisa para o campo de estudo no Brasil.

## Osat – Como é a sua trajetória na área de Saúde do Trabalhador (ST)?

No segundo ano de curso de Medicina na Uece tive a oportunidade de conhecer o professor Francisco Alencar e a Antropologia da Saúde. Com os livros marxistas, fui despertado para o tema da saúde do trabalhador brasileiro e o que os determinantes sociais originados no mundo do trabalho poderiam impactar na saúde. Quando assumi a especialidade da psiquiatria clínica, fiquei diante dos transtornos mentais de tecelãs, telefonistas e operárias de beneficiamento industrial da castanha de caju, as castanheiras. Comecei a realizar pilotos empíricos de um modelo intuitivo de pesquisa: saúde mental e pobreza, saúde mental e migração, saúde mental e trabalho de castanheiras. No Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP, no grupo de pesquisa do professor Wanderley Codo, coordenei o eixo epidemiológico do projeto Saúde Mental e Trabalho (SM&T), financiado pelo Ministério da Saúde. Realizamos um tratamento metodológico especial em estudos com bancários, operários metal-mecânicos, sucroalcooleiros e da indústria de sapatos, telefonistas e metroviários. Ao voltar para o Ceará, criei o grupo de pesquisa Vida & Trabalho, onde desenvolvemos metodologia própria para as pesquisas sobre trabalhadores embarcados de produção de petróleo, no off shore cearense, e operadores de telesserviço.

## Osat - O que o senhor entende como trabalho?

Entre as atividades especificamente humanas encontram-se a atividade lúdica e a atividade trabalho, esta última resultando na aproximação da natureza pelo ser humano, revestindo-se de formas específicas a cada modo de produção e organização social. Daí deduz-se meu conceito de trabalho



foto: arquivo pessoal

Professor destaca a necessidade de pensar a saúde mental dentro da política de saúde do trabalhador

como conatural à humanidade, produtor de consequências práticas, civilizatórias, e produtor de subjetividade, visões de mundo, comportamentos, saúde e doença.

## “O trabalho gera não só a doença”

Mas, o impacto do trabalho traduz-se por uma dupla e contraditória natureza. A concreta, que são atos necessários à criação de produto ou utilidade (procedimento, técnica, ritmo do processo, posto, sociabilidade, condições, ritmo de consumo), a abstrata, que compreende tempo e lógica de exploração socialmente necessárias ao trabalho (salário, jornada, supervisão, poder relativo de negociação, posição na lógica acumulativa).

## Osat - Como é pensada no Brasil a relação entre trabalho e saúde mental?

Embora o conceito de penosidade, que inclui a carga mental resultante de qualquer processo de trabalho, ter sido estabelecido na Constituição de 1988, ele nunca foi desdobrado. O tema tem sido de interesse de pesquisadores que atuam na fronteira dos campos de Saúde do Trabalhador e Saúde Mental, e aparece como discurso importante em conferências vinculadas à lógica de controle das políticas

pela sociedade, sobretudo do Sistema Único de Saúde (SUS). Também aparece nos debates das empresas, em Semanas de Saúde e Trabalho, mas impacta pouco na prática das políticas, sistemas e serviços de saúde. A concepção predominante é a da doença para a qual umnexo causal precisa ser provado, o que é impossível nos campos sensíveis, historicamente mutáveis e atravessados por subjetividades e ideologias, como são os da saúde mental. Até na dimensão objetiva das doenças por intoxicação por insumos, matérias primas e produtos do trabalho, a relação causal é pobre: das mais de 15 mil substâncias às quais o trabalhador pode ser exposto, nem duas dúzias têm relação causal normatizada.

### **Osat - Quais os principais desafios políticos para o campo da SM&T?**

A reestruturação produtiva inventa novos trabalhos concretos e novas formas de exploração. A associação entre urbanização, terciarização (concentração de trabalhadores nos serviços) e terceirização (contratação indireta de trabalhadores, como custo variável para as empresas) invade o tempo livre do trabalhador. Entre os problemas gerados está a invisibilidade do problema pelo trabalhador, que o confunde com a órbita da reprodução social. Há que articular as potências e desgastes biológicos, a alienação, o *distress*, o tempo como perda da consciência do fluxo de consequências, a infelicidade como depressão, etc.

### **Osat - Como avaliar as políticas públicas que favorecem a inclusão das pessoas em sofrimento mental no mercado de trabalho no Brasil?**

A Política Nacional de Saúde Mental, originada da Lei Federal 10.216, de 2001, visa garantir o cuidado ao paciente com transtorno mental em serviços substitutivos aos hospitais psiquiátricos. A Política, com os Centros de Atenção Psicossocial (Caps), procura dar conta da integralidade do cuidado, destacando determinantes do sofrimento mental, como alterações do padrão familiar, as vivências da sexualidade, a anomia social e as lógicas de produção de significados advindas do trabalho.

### **“ Há uma invisibilidade dos problemas pelo trabalhador”**

O modelo perdeu força e originalidade, debatendo-se hoje com tsunamis de demandas a serem atendidas por trabalhadores sob contratos precários e produtos de formação em desacordo com as práticas. A aprovação da Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora, em 2012, criou a Rede Nacional de Saúde do Trabalhador (Renast) e definiu as responsabilidades dos entes federativos.

O arcabouço edificado, sob o manto protetor do SUS, é inteligente e ambicioso, porém é muito recente e não parece estar mudando o perfil sanitário das relações de trabalho com a saúde. Em todas estas políticas existem preocupações sobre um tipo de trabalho visto como gerador de sofrimento mental e outro tipo de trabalho visto como integrador das capacidades mentais, por gerarem inclusão. A equação está confusa, muito pouco resolvida prática e teoricamente.

### **“ A equação entre a Renast e o Caps está confusa, muito pouco resolvida prática e teoricamente”**

### **Osat - Como fazer para que a saúde mental nos ambientes de trabalho não seja pensada apenas a partir do aumento da produtividade?**

Este é um desafio científico, político e ideológico. Cada vez mais o trabalho é remunerado por produtividade. Os empresários e gestores públicos desenvolvem ativamente o conceito. Os trabalhadores incorporaram profundamente o conceito. A maioria dos sindicatos estaciona suas lutas neste patamar. O novo capitalismo financeiro, as novas lógicas produtivas e o neoliberalismo têm sido mais competentes em conquistar corações e mentes do que os velhos capitalisms mercantil e industrial. As mudanças históricas são transpessoais. E, mais do que nunca, a luta se dará com denso aporte de conhecimento.

### **Osat - Como as pesquisas podem ajudar na melhor formulação de um marco teórico para políticas públicas em SM&T?**

O problema é complexo no Brasil, pois todas as formas de exploração convivem. O capitalismo brasileiro usa o trabalho escravo, de criança, fabril, as novas experiências do trabalho global mediado pela eletrônica e redes sociais, empreendedorismo criativo de *startups* e *spin offs*, entre outros. Então, as várias expressões de doença surgem como resultantes das várias formas de exploração e dos sofrimentos mentais derivados das contradições, às vezes antagônicas, insolúveis. Tenho usado um modelo que pode ser descrito assim: a pesquisa precisa articular os atores para reduzir os vieses políticos, ideológicos e subjetivos; com equipe interdisciplinar para articular as ciências. O trabalho gera tudo, não só a doença. A pesquisa precisa mapear tendências, por grupo profissional, e testá-las no acompanhamento de indivíduos representativos.

# TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO PODE TER CAUSAS VARIADAS

Vítimas precisam de ajuda para superar o problema

Ives Teixeira Souza

O som de algum objeto, uma frase dita por alguém, ou um evento de grande proporção. Os fatores que desencadeiam o transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) não têm uma única causa. São transtornos multifatoriais, que vinculados podem acarretar perturbações psiquiátricas. Há casos, que por serem mais sistemáticos, são mais conhecidos, como os que envolvem situações de violência e ameaça à vida.

Autor de livros sobre o TEPT, o professor de psicologia da PUC Minas, Carlos Eduardo Carrusca, explica que para não desenvolver a perturbação psicológica grave é necessário apoio psicológico, apesar de algumas pessoas conseguirem fazer com que o trauma não evolua. "A falta de apoio psicossocial foi identificada como um dos fatores importantes no desenvolvimento do TEPT, logo depois de eventos potencialmente traumáticos", conta o pesquisador. Para combater isso, existe uma prática de auxílio recomendada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), nas primeiras 72 horas após o acontecimento. De acordo com Carrusca, esse primeiro auxílio psicológico pode prevenir, inclusive, outros transtornos mentais.

## Vulnerabilidade

Diante do contexto de competitividade global em relação ao trabalho e o alto número de desempregados no Brasil, em torno de 13 milhões, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Carrusca aponta um acirramento nas disputas e nas relações profissionais no contexto de trabalho, o que faz aumentar a situação de violência nesse contexto. "Do ponto de vista da prática profissional nós temos assistido a um aumento de casos de pessoas com TEPT, porque elas estão expostas em seus contextos de trabalho a situações potencialmente traumáticas, sem o apoio necessário para fazer frente ao impacto que essas situações causam", continua.

Assaltos, sequestros e assédio moral são as principais situações relacionadas ao TEPT encontradas nos estudos do pesquisador. Entre as categorias profissionais mais afetadas estão os vigilantes, bancários, entregadores de cargas e correspondências, profissionais do transporte público (motoristas e cobradores), professores e policiais. O psicólogo lembra que as pessoas que estão em contato contínuo com o público, que muitas vezes se porta de uma maneira agressiva, são mais vulneráveis, como profissionais de saúde e atendentes de supermercado.

"Na maioria dos casos, a empresa tem um olhar equivocado para essa situação e entende que um assalto ou um sequestro, ou roubo de carga durante o percurso do trabalho da pessoa, é um fato que diz respeito apenas à segurança pública, quando na verdade essa pessoa sofre esse incidente exatamente pelo tipo de atividade que ela desenvolve, pelos bens que ela carrega", ressalta Carrusca. Isso resulta em profissionais sem o apoio da empresa, que podem, por exemplo, ser acusados de terem favorecido um roubo e demitidos na sequência.

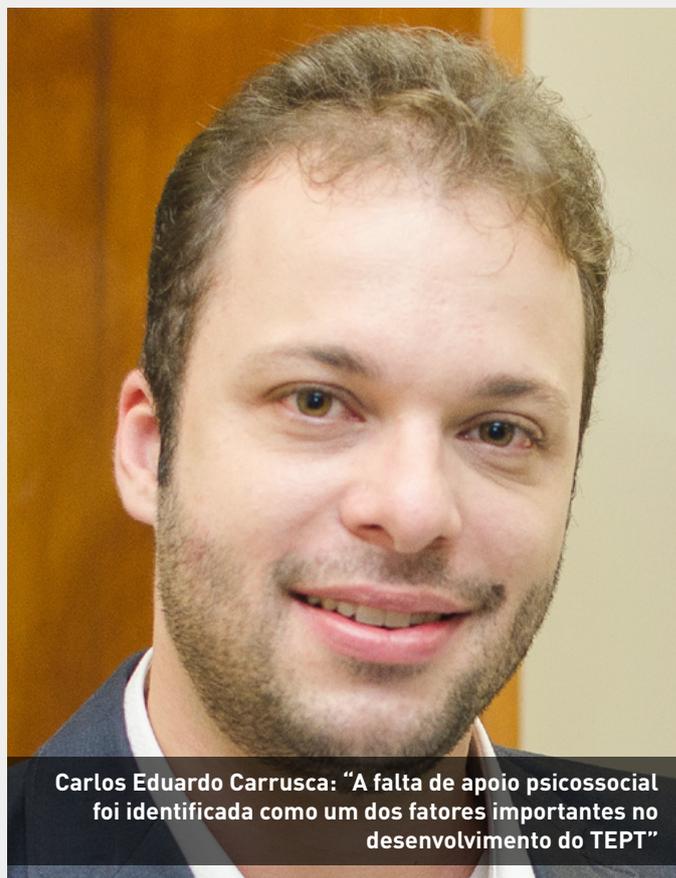


foto: arquivo pessoal

**Carlos Eduardo Carrusca: "A falta de apoio psicossocial foi identificada como um dos fatores importantes no desenvolvimento do TEPT"**

Por causa da negligência das empresas, alguns sindicatos encaminham os trabalhadores para o serviço psicológico. Na clínica escola de psicologia da unidade São Gabriel da PUC Minas são realizados atendimentos aos trabalhadores vítimas de violência relacionadas ao trabalho. "São casos de sequestro, muitos assaltos com entregadores de correspondência, de cargas", menciona o pesquisador.

## Experiências sobre o pós-trauma

Em seu último livro "Traumas no Trabalho - Uma Nova Leitura do Transtorno de Estresse Pós-Traumático", Carrusca estudou trabalhadores que potencialmente vivenciaram a situação traumática no trabalho. "Identificamos a trajetória de cada um desses trabalhadores, quais são as mediações, ou fatores intervenientes que aparecem na trajetória da pessoa e quais os motivos que levam ao desfecho do caso", acentua o pesquisador.

Foram analisados os casos de um vigilante bancário que enfrentou um assalto a banco; uma vigilante que testemunhou o suicídio de um colega de trabalho e um trabalhador do sistema bancário que foi sequestrado e teve a família envolvida no sequestro. Enquanto o

vigilante foi humilhado ao ser acusado de ter colaborado com o assalto e a vigilante foi demitida por justa causa, o bancário procurou assistência psicológica, após indicação do sindicato. “O bancário foi o único que não desenvolveu o transtorno, apesar de ter ficado em posse dos criminosos durante 12 horas”, revela Carrusca.

Apesar disso, o psicólogo alerta que os casos são tratados de forma muito individualizada, enquanto deveriam ser tratados em uma perspectiva de uma psicologia social, de observar que as relações estão tão adoecidas a ponto de gerarem efeitos individuais. Para tanto, é necessário que a mudança atinja o contexto e o processo de trabalho. “A prevenção do transtorno de estresse pós-traumático, muito antes de ser uma prevenção psicológica, é uma prevenção que implica em considerar a importância de evitar acontecimentos de violência no contexto de trabalho”, conclui.

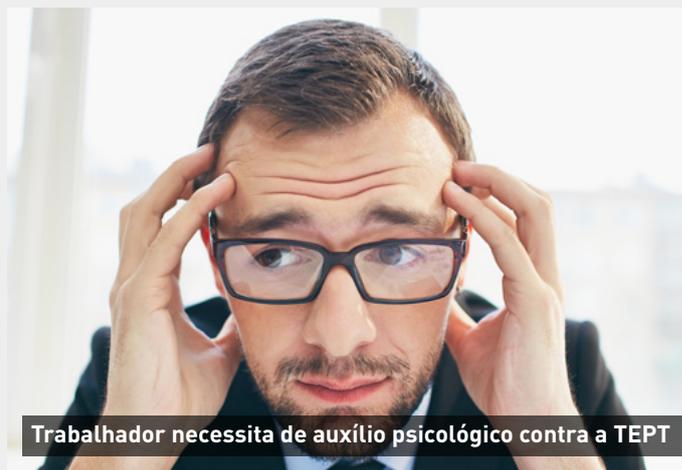


foto: Freepik

**Trabalhador necessita de auxílio psicológico contra a TEPT**



foto: Antonio Cruz/Agência Brasil

**Pesquisa busca orientar políticas públicas de atenção à saúde mental das vítimas**

## Atingidos por acidente da Samarco

Com o objetivo de compreender a situação atual da saúde das famílias atingidas há dois anos pelo rompimento da barragem de Fundão, em Mariana (MG), pesquisadores da Faculdade de Medicina da UFMG, por meio do Núcleo de Pesquisa em Vulnerabilidade e Saúde (Naves), estão realizando um estudo sobre o tema.

A pesquisa, realizada entre os dias 15 e 17 de novembro, em Mariana, entrevistou mais de 1.200 pessoas no município e busca contribuir para as políticas de assistência à saúde desta população. A coordenação do projeto, denominado Prismma, é dos professores do Departamento de Saúde Mental da Faculdade de Medicina da UFMG, Maila Castro e Frederico Garcia.

# O ESTIGMA DO ADOECIMENTO MENTAL NO TRABALHO

Mesmo com subnotificação, doença mental é a terceira causa de incapacidade para o trabalho no Brasil

Ives Teixeira Souza

A reação ao ser informado da ausência de um colega de trabalho por causa de sofrimento mental, muitas vezes, é duvidar da situação de saúde informada. Isso se deve, entre outros motivos, pela dificuldade em perceber os sinais de adoecimento do colega, bem como pela sobrecarga que a ausência dele vai causar. É o que explica o psiquiatra e professor do departamento da Faculdade de Medicina da UFMG, [Helian Nunes](#).

Para ele, o estigma social é um dos principais problemas decorrentes do adoecimento mental. "Talvez as pessoas tenham mais paciência com uma pessoa que esteja com a perna quebrada. Mas o sofrimento da pessoa com algo que não é tão visível, como depressão e ansiedade, às vezes, não é percebido como legítimo", acredita o professor.

Porém, estudiosos em transtornos psíquicos, como a professora aposentada da UFMG, Maria Elizabeth Lima, indicam que não há algo capaz de definir a passagem entre uma situação vivida e o transtorno mental. De acordo com Helian, como consequência, há uma estigmatização em relação a esse tipo de adoecimento como se isso, por si só, fosse gerar incapacidade funcional. "Isso não pode ser um critério de exclusão, já que quase todo mundo algum dia pode ter uma. O colega deve respeitar o adoecimento do outro, ajudá-lo a procurar tratamento", analisa o psiquiatra.

## Pressão social

"A relação com o trabalho ainda é muito impositiva: obrigação, ponto, jornada, produção. Deveria ser um espaço de realização pessoal, de crescimento, de integração com a sociedade", comenta Helian.

Porém, para o psiquiatra, o local de trabalho pode gerar traumas intensos, como o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), depressão e até mesmo suicídio. Nos Estados Unidos, por exemplo, ele indica que há estudos que demonstram o aumento de suicídios nos locais de trabalho. "Esses casos não são tão raros, mas são subnotificados, e passam uma mensagem de que o trabalho é extenuante, angustiante", acredita o professor.

Ainda assim, os transtornos mentais e comportamentais são a terceira causa de concessão de auxílio-doença e de aposentadoria por invalidez entre 2012 e 2016, após lesões e causas externas e doenças do sistema osteomuscular, de acordo com o boletim do Ministério da Fazenda (ver tabela). Esse estudo também comprova a dificuldade em relacionar o trabalho com o adoecimento mental. Essa complexidade faz com que os afastamentos, sejam, em grande maioria, temporários. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, 10% dos empregados no mundo já tiraram licença por depressão, mesmo assim, 50% das pessoas com depressão não são tratadas.

## Distribuição da Concessão de Auxílio-Doença e de Aposentadoria por Invalidez de Naturezas Previdenciária e Acidentária (B31, B32, B91, B92) ao Segurado Empregado por Capítulo da CID entre 2012 e 2016

| Capítulo do CID  | 2012    | 2013    | 2014    | 2015    | Total   | Representatividade Percentual da Concessão Total no Período% |         |
|--|---------|---------|---------|---------|---------|--|---------|
| Capítulo XIX - Lesões, envenenamento e algumas outras consequências de causas externas | 494.570 | 498.124 | 496.718 | 374.148 | 450.026 | 2.313.586  | 31,044% |
| Capítulo XIII - Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo                | 304.027 | 310.436 | 311.786 | 236.937 | 266.505 | 1.429.691  | 19,184% |
| Capítulo V - Transtornos mentais e comportamentais                                     | 140.208 | 147.145 | 144.061 | 109.951 | 127.562 | 668.927  | 8,976%  |
| Capítulo XI - Doenças do aparelho digestivo  | 127.255 | 133.637 | 136.348 | 101.168 | 125.994 | 624.402  | 8,378%  |
| Capítulo IX - Doenças do aparelho circulatório   | 91.452  | 91.796  | 90.786  | 67.127  | 81.647  | 422.804  | 5,673%  |
| Capítulo II - Neoplasias (tumores)   | 70.921  | 74.288  | 77.901  | 63.997  | 81.636  | 368.743  | 4,948%  |
| Capítulo XV - Gravidez, parto e puerpério  | 56.202  | 63.278  | 69.562  | 50.912  | 62.741  | 302.695  | 4,062%  |
| Capítulo XIV - Doenças do aparelho geniturinário                                       | 45.373  | 46.508  | 48.239  | 34.497  | 45.072  | 219.689  | 2,948%  |
| Capítulo VI - Doenças do sistema nervoso   | 30.319  | 31.083  | 30.492  | 23.897  | 27.925  | 143.716  | 1,928%  |
| Capítulo I - Algumas doenças infecciosas e parasitárias                                | 23.308  | 23.556  | 23.230  | 16.839  | 21.232  | 108.165  | 1,451%  |
| Capítulo VII - Doenças do olho e anexos  | 22.277  | 22.699  | 22.833  | 15.561  | 20.509  | 103.879  | 1,394%  |

(Clique para ampliar)

Fonte: [1º Boletim Quadrimestral sobre benefícios por incapacidade 2017](#)

## Cuidado com o trabalhador

O temor do desemprego está entre os fatores que resultam na resistência do trabalhador em relacionar o adoecimento mental com o trabalho, o que pode agravar os transtornos. "Ao serem retratadas como um local onde os trabalhadores adoecem, as empresas podem não conseguir atrair os melhores profissionais", opina o professor da UFMG.

Para Helian, a atitude deveria ser diferente. O médico da empresa, por exemplo, pode colaborar para o trabalhador muito além do diagnóstico de doenças ou das notificações dos adoecimentos no sistema de saúde. "Ele tem a oportunidade de ser um profissional capaz de ampliar os conceitos de um ambiente saudável, com boa convivência", comenta.

## Atendimento

A linha de cuidado Trabalho e Saúde Mental do Serviço Especializado de Saúde do Trabalhador do Hospital das Clínicas da UFMG (Sest/HC-UFMG) realiza consultas ambulatoriais nas terças-feiras pela manhã, no Ambulatório Bias Fortes, no campus Saúde da UFMG. Os pacientes precisam ser encaminhados pela rede de atendimento do SUS.

Mais informações: (31) 3409 9564

# MUDANÇAS NAS CONDIÇÕES DE TRABALHO AUMENTAM OS FATORES DE RISCOS PSICOLÓGICOS E SOCIAIS

Violência prejudica relações de trabalho nas empresas

Ives Teixeira Souza

A Organização Mundial de Saúde (OMS) lembrou no último dia mundial de saúde mental, em outubro, os impactos do trabalho no bem-estar mental e social das pessoas. Entre os principais fatores de risco encontrados nas empresas estão o excesso de trabalho, jornadas inflexíveis, ameaça de desemprego e assédio moral. Os custos desses problemas na produtividade das empresas chegam a um trilhão de dólares em todo o mundo, de acordo com estudo da própria agência da Organização das Nações Unidas (ONU).

Os riscos, além de numerosos, são afetados por todas as condições que intermeiam as relações de trabalho, como afirma a professora aposentada do Departamento de Psicologia da Fafich da UFMG, Lívia Borges. “Os riscos psicossociais são muito numerosos, passam pelo interpessoal, pelo organizacional. E por isso, também, por questões como a violência no trabalho”, menciona.

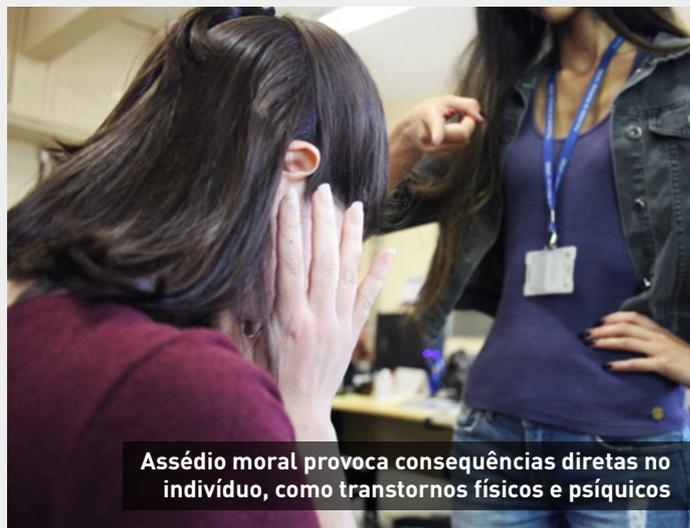
## Aumento da violência

Para a professora, o aumento da percepção da violência faz com que esse problema seja mais visível nos locais de trabalho. “As violências são cotidianas, se repetem continuamente na vida de uma maneira geral, e no mundo do trabalho, onde ganha formas específicas. A violência é, na verdade, um fenômeno e nas organizações isso não é diferente”, explica.

“No mundo do trabalho o tipo de violência mais comum, sem dúvida, seria o assédio moral”, acentua Lívia, destacando o fato de, por ser mais sistemático, o assédio moral provoca consequências diretas no indivíduo, como transtornos físicos e psíquicos. As empresas, por outro lado, tampouco tentam combater essas situações, como aponta o relatório da OMS,

“O assédio moral é a violência mais comum”

mesmo com os estudos indicando a perda de produtividade dos trabalhadores. “Se a gestão de pessoas fosse feita da maneira correta muitas alterações psicossociais seriam evitadas”, realça a psicóloga.



Assédio moral provoca consequências diretas no indivíduo, como transtornos físicos e psíquicos

foto: Carol Moreira

Quando a saúde mental do funcionário é agravada, a solução encontrada pela organização, muitas vezes, é a demissão do funcionário. Com isso, alerta a professora, o desdobramento imediato da ação é a sobrecarga de quem continua trabalhando e a submissão profissional, diante do aumento do número de pessoas dispostas a ocupar a função. “Os riscos vão aumentando, já que as pessoas estão menos mobilizadas para cobrar os cuidados com o ambiente profissional”, analisa. “Então, nesse clima organizacional a probabilidade de aparecer conflitos, desavenças entre as pessoas, falta de sintonia entre os métodos de gestão se ampliam”, aponta Lívia.

## Notificações

A professora Lívia critica a falta de notificações dos casos de problemas psicológicos e mentais nas empresas e também na rede de atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS). “Alguns estados colocam psicólogos nas equipes de saúde do Trabalhador, outros não. Onde há, as pessoas começam a desenvolver meios de registrar os dados na comunicação de acidente de trabalho (CAT)”. Com a subnotificação, ela explica, os estudos epidemiológicos sobre o tema buscam os dados diretamente com os trabalhadores.

Para a Diretoria de Saúde do Trabalhador da Secretaria de Saúde de Minas Gerais (DSAT) é interesse do estado ampliar

o número de notificações. Para isso, são realizados fóruns de discussão, com educação permanente aos profissionais de vigilância e de saúde mental e trabalho. Um dos exemplos é o grupo de acidente de trabalho ampliado e desastres, coordenado pela DSAT, que analisa as consequências resultantes do rompimento da barragem do Fundão, em Mariana.

Em levantamento realizado pela DSAT, dos 16 Centros de Referência em Saúde do Trabalhador regionais em funcionamento em Minas Gerais, 12 contam com psicólogos na equipe multiprofissional. "As atividades variam, como os atendimentos para estabelecimento de nexos do transtorno mental com o trabalho, e a prevenção e assistência a adoecimentos psicológicos", explica a coordenadora de Atenção à Saúde do Trabalhador do estado, Danielle Capistrano Chaves. "A partir desse levantamento preliminar percebe-se que há muito para ser feito, em relação às políticas públicas, nesse âmbito da saúde mental e trabalho", conclui.

## Expediente

**Observatório de Saúde do Trabalhador de Belo Horizonte (Osat-BH)**

**Coordenador:** Tarcísio Márcio Magalhães Pinheiro

**Organizadores:** Faculdade de Medicina da UFMG e Prefeitura de Belo Horizonte

**Instituições parceiras:** Ministério do Trabalho (Fundacentro/MG e Superintendência Regional do Trabalho e Emprego/MG), Universidade Federal de Viçosa, Secretaria de Saúde de Minas Gerais, Fórum Intersindical de Saúde do Trabalhador

**Centro de Comunicação Social da Faculdade de Medicina da UFMG**

**Coordenador:** Gilberto Boaventura (Reg. Prof. MG 04961JP).

**Edição:** Mariana Pires

**Estagiário:** Ives Teixeira Souza

**Projeto Gráfico e Diagramação:** Luiz Romaniello

**Fotografia:** Carol Morena

**Atendimento Publicitário:** Ingrid Souza

**Boletim de circulação online:** <http://site.medicina.ufmg.br/osat/>

**Contato:** [osatbh2014@gmail.com](mailto:osatbh2014@gmail.com)

É permitida a reprodução de textos, desde que citada a fonte.



Entre no site e fique por dentro do que acontece no OSAT:

[www.site.medicina.ufmg.br/osat](http://www.site.medicina.ufmg.br/osat)

